

**"Quem ou o que responde à pergunta quem?"
Rastros da Desconstrução em *Il faut bien manger,
le calcul du sujet*.**

"Qui ou quoi répond à la question à qui?"
Traces de la déconstruction dans "*Il faut bien manger,
le calcul du sujet*".

Rafaella Franco Binatto

Doutoranda em Filosofia - PPGF - Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: A proposta deste artigo é pensar os termos de uma problemática do sujeito a partir da entrevista "*Il faut bien manger, le calcul du sujet*". As questões dirigidas por Jean Luc-Nancy à Jacques Derrida e "as respostas" do filósofo franco-magrebino tematizam aspectos do pensamento da desconstrução nos rastros desta problemática e de seus desdobramentos no cenário do pensamento filosófico do século XX. Questões inquietantes acerca da subjetividade, sujeito e consciência, presentes nesta entrevista, apontam para os rastros no acontecer da linguagem, numa clausura que, tanto nas chamadas filosofias do sujeito como naquelas ligadas à sua dissolução ou superação, permanece impensada.

PALAVRAS CHAVE: DESCONSTRUÇÃO; SUJEITO; RASTRO; CÁLCULO.

RÉSUMÉ: La proposition de cet article est de penser les termes d'une problématique du sujet issus de l'interview "*Il fait bien manger, le calcul du sujet*". Les questions posées par Jean Luc-Nancy à Jacques Derrida et les "réponses" du philosophe franco-maghrébin traitent des aspects de la pensée de déconstruction à la trace de cette problématique et de son déroulement dans le scénario de la pensée philosophique du XXe siècle. Les questions troublantes sur la subjectivité, le sujet et la conscience présentes dans cette interview suggèrent des traces dans l'occurrence du langage, dans une conclusion qui reste impensée dans les soi-disant philosophies du sujet et dans celles relatives à sa dissolution ou à son dépassement.

MOTS-CLES: DECONSTRUCTION; SUJET ; TRACE; CALCUL.

INTRODUÇÃO

Compreende-se que a discussão acerca do problema do sujeito toma grande parte do esforço da tradição filosófica de pensamento, sendo um dos grandes pontos nos quais orbitam as discussões na modernidade e na contemporaneidade, bem como, referência para agir e pensar que fundamenta os desdobramentos da cultura ocidental. No

pensamento contemporâneo pode-se afirmar que em tempos de incertezas, de uma crise do ideal de verdade, crise de valores generalizados, da irrupção de fanatismos religiosos, o capitalismo globalizado, etc...; urge um clamor, tanto na Filosofia como fora dela, emerge uma exigência em se pensar ou mesmo de retomar um projeto de pensamento comprometido “em pensar o humano”, que é quase colocado nos termos de “uma solução”.

No âmbito desta indagação e sua problematização, não se deve esquecer que embora a contemporaneidade tenha como uma de suas características a crise de fundamentos, os ideais modernos de emancipação foram erguidos sob a base de uma fundamentação numa razão universal centrada no sujeito, e, portanto, no próprio homem e em todos os valores que o acompanham mediante esta construção (liberdade, autonomia, política, ética, responsabilidade, etc.).

Uma vez que a questão do sujeito e todos os seus desdobramentos reascende como uma temática no cenário do pensamento filosófico do século XX, questiona-se: como ficam temas como direito, ética, responsabilidade, se a crise do sujeito ou da subjetividade - “é pouco ou nada?” Afinal, a rigor, temas como objetividade, responsabilidade, ética e direito – dentre muitos outros - pressupõem ou tem sua fundamentação no sujeito.

Nestes termos, em *Il faut bien manger ou Le calcul du sujet*, Derrida margeia a questão e faz alusão clara à pergunta que lhe é dirigida por Jean Luc-Nancy: “*Quem vem depois do sujeito?*” afirmando, logo na entrada, um problema referente à autoridade desta questão. Já na abertura da entrevista, Derrida faz um duplo movimento, invertendo e deslocando a perspectiva de questionamento proposto por Nancy, “*quem*” ou “*o quê*” responde à questão “*quem?*”. Segundo coloca Paulo César Duque-Estada¹:

se desdobra ao longo do seu texto e constituem uma importante característica de seu pensamento. Trata de aspectos tão inseparáveis quanto, pelo menos

¹ Cf. a respeito deste duplo movimento que se liga a desconstrução e que apenas brevemente abordaremos, DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar. Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito. **Caderno IHU ideias**. Ano 8, n.º 143, 2010. pgs 3 -12.

aparentemente, incompatíveis entre si (DUQUE-
ESTRADA, 2004, p. 4)

Conquanto que no âmbito da indagação “*Quem vem depois do sujeito?*” possa sugerir um resgate ou suposto reavivamento, e, neste conhecido e intrincado emaranhado de problemas que a questão traz a reboque, até mesmo a *desconstrução* é colocada em suspeita, e esta exigência de retorno ao sujeito ou simplesmente liquidação da questão.

Rapidamente podemos dizer que a questão e sua problematização - desde sempre assombrada por espectros - e, é por este desdobramento espectral é que Derrida recoloca *por entre* a questão. Diferente das opções já colocadas pela tradição nesta discussão, Derrida desvia, posterga, adia a suposta renovação da “questão” e suas implicações discursivas, que, segundo ele, já contém “uma resposta”, antes mesmo de ser formulada.

O filósofo franco- magrebino recusa a seguir a toada da questão, não opta por fazer uma crítica, nem mesmo uma hermenêutica, nem um comentário exegético destes discursos, que ele mesmo convencionou chamar “metafísica da presença”. Aponta, talvez, “*destinerrância*”,² outras, e, a pesar a suposta *questão* que lhe é lançada e o índice desde já afirmado de “liquidação ou aniquilamento do sujeito”, Derrida segue em por uma lógica da ex-apropriação, aos rastros, mediante o pensamento da desconstrução.

Através desta entrevista, pela pergunta lançada, *Quem ou o que*, anuncia-se desde já o que procuramos apenas perpassar, nos diversos temas discutidos em torno desta problemática do sujeito - e perseguindo a pergunta lançada - *Quem ou o quê* - os termos da carta convite³, Jacques Derrida apesar da insistência de seu interlocutor, alerta o filósofo, apontando se a palavra, o termo sujeito é válido como

² *Destinerrance* palavra criada por Derrida que confunde destino, herança e errância. Concatenados quase que por sorte e para um fim com desígnio incompleto, desviando (in)fiel daquilo que se herda (criticamente), se transmite em termos de hereditariedade em sentido poético, de uma escrita que vagueia, erra, percorre vias ao acaso e de forma incerta. “Destinerrance” parece ser sempre uma inadequação necessária que comporta o possível e o impossível...

³ Cf. os termos da carta convite, enviada a todos os participantes é encontrada na versão da entrevista em língua inglesa da entrevista *Eating Well or the Calculation of the subject: an interview with Jacques Derrida. Who Comes after the subject?* Nova Iorque: Routledge, 1991. pgs 96-119.

índice, nome ou assinatura, aponta, talvez, “lugares”, “instâncias” outras, a pesar *a questão* que lhe é lançada, em rastros, mediante o pensamento da desconstrução.

A suspeita e a insistência da questão....quem?

Em *É preciso comer bem ou o cálculo do sujeito* intitula a entrevista concedida por Jacques Derrida no ano de 1988, a propósito de um projeto no qual Jean Luc Nancy fez parte com o editor convidado. A proposta era reunir pensadores da cena contemporânea francesa – como Lévinas, Etienne Balibar, Jacque Rancière, Maurice Blanchot, Philippe Lacour-Labarthe, entre outros - em torno de uma questão premente, a saber, *a crítica e a desconstrução da subjetividade*.

Cada um desses pensadores convidados recebeu os termos de uma carta convite, cuja proposta de Nancy foi a de abordar a questão “*quem vem após o sujeito?*” – e a própria pergunta intitulou o volume especial da Revista Filosófica Internacional - *Topoi*, em inglês, em outubro de 1988, na qual a entrevista de Derrida foi inicialmente publicada apenas em parte. Um ano depois, em 1989, foi publicada em francês, na *Cahiers Confrontation*, edição a qual contém a entrevista de Derrida na íntegra. Uma edição americana é publicada sob a forma de um livro pela Routledge em 1991 intitulado “*Who comes after the subject?*”, sendo que a introdução do volume contém o trecho da carta convite de Jean Luc Nancy.⁴

Os apontamentos de Derrida desviam a perspectiva de questionamento proposto por Nancy, “*quem?*” ou “*o quê?*” responde à questão “*quem?*”. A rigor, a questão colocada por Jean-Luc Nancy e respondida por um conjunto de pensadores que de alguma forma problematizavam, criticavam ou reinterpretavam a maneira tradicional de pensar o sujeito e o humanismo, é o tema que ronda a conversa de Nancy com Derrida, que inicia a entrevista questionando os termos da questão colocada, o pressuposto “da existência de um sujeito” e de sua suposta “liquidação”.

⁴ Cf. Como dito na nota anterior, os termos da Carta Convite podem ser encontrados em em CADAVA, Eduardo, CONNOR, Peter, NACY, Jean-Luc. Introduction. **Who Comes after the subject?** Nova Iorque: Routledge, 1991, p. 5.

O diagnóstico do problema levantado, alerta Derrida, está na suposta topologia, e, na própria formulação da questão e sua pressuposta “liquidação do sujeito”, parece já estar dada: “uma ilusão ou ofensa”, pelo que também configura “uma promessa, uma palavra de ordem (...) faremos justiça ou reabilitaremos o sujeito” (DERRIDA, 1992, p. 270).

Os termos que é engendrada nesta entrevista, em torno da pergunta “*quem vem depois do sujeito?*”, os questionamentos que lhe são dirigidos, de todo levantamento que Nancy insiste em revolver ainda sob aporte nos mesmos termos da discussão, ora dos temas clássicos da modernidade, ora da crise do sujeito, perpassando Husserl, Heidegger, Freud, Nietzsche e outros, no afã de ressuscita-la ou extirpá-la, é, sub-repticiamente rejeitada por Derrida.

Nesta abordagem emblemática de recusa ao questionamento “*Quem?*”, Derrida aponta que pôr o sujeito em questão não significa aboli-lo, liquidá-lo, mas, antes de tudo, como lembra Paulo César Duque-Estrada *ressituá-lo*⁵. Isto porque é preciso precaver-se contra a *doxa*, algo que aparece em certa “opinião filosófica” que formula a pergunta “*quem?*”, permanecendo na insistência da consideração de um suposto “algo” como sujeito. Em outras palavras, por um giro dos pressupostos: de que lugar e com base em que pressupostos e com vistas a quê, se diz de alguém ou de algo, de alguma coisa em de “que” supostamente diz respeito a todos “nós”?

Daí um redirecionamento, uma inversão da questão, que pela própria toada desconstrutiva encontra-se nas ruínas deste suposto discurso no qual a questão quem acaba por insistir. Ressituando a questão, desde sempre assombrada por espectros. Para Derrida, optar por simplesmente “responder esta questão” - *quem ou que vem depois do sujeito?* – apenas faz bailar discursos exaustivamente colocados, e, ficar preso entre estas opções, é prender-se a uma certa *doxa filosófica*. Doxa, pois tais alternativas apenas operariam uma um duplo do mesmo problema, o que não implica também uma mera recolocação da questão sobre o sujeito, uma espécie de simples duplo, ainda mais sob os mesmos termos.

⁵ Cf. DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar. Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito. **Caderno IHU ideias**. Ano 8, n.º 143, 2010, p. 6.

Tais alternativas apenas operariam uma um duplo do mesmo problema, o que não implica também uma mera recolocação da questão sobre o sujeito, ainda mais sob os mesmos termos. Mesmo porque, alegando não saber o que pode corresponder esta palavra “liquidação”, Derrida também faz menção a posturas de pensamento, desdobradas por alguns autores que, por terem supostamente alegado a eliminação, ou o fim do sujeito – as consequências deste viés discursivo, por ex. a ausência de crítica, rigor, confusão e impossibilidade de questionamento, enfim, os termos de uma solução:

O diagnóstico de liquidação denuncia em geral uma ilusão e uma falta, ele acusa: quiseram liquidar, acreditaram poder fazê-lo, nós não o deixaremos. O diagnóstico implica assim uma promessa: nós iremos fazer justiça, nós iremos salvar ou reabilitar o sujeito. Palavra de ordem, portanto: retorno do sujeito, retorno do sujeito (DERRIDA, 1992, p. 270).

O deslocamento ou descentralização do sujeito parece não permear o problema “desta ausência”, pois, para Derrida, ao observamos as discussões husserlianas, ele não é presença a si – como instância fundada e fundadora, constituinte e constituída⁶ – portanto, antes, comenta o filósofo, apenas um intervalo entre dois momentos, não podendo ser tomado como centro da experiência do pensamento, da verdade, um centro, uma vez este que nunca se deu a si mesmo como tal. Isto arriscaria a situar o sujeito antes mesmo do quem da questão requerida pela pergunta de Nancy:

(noto de início entre parênteses, que talvez não seja suficiente substituir um quem tão indeterminado por um “sujeito” tão demasiadamente carregado de indeterminações metafísicas para operar um deslocamento decisivo. Na expressão “questão quem”, a ênfase poderia também se reportar mais

⁶ Cf. a este respeito, a toada desconstructiva “do sujeito husserliano”, Derrida, Jacques. **A voz e o fenômeno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

tarde à palavra questão”. Não somente para se perguntar quem põe a questão ou ao sujeito de quem se põe a questão (...), mas para se perguntar se há um sujeito, ou melhor, se há o “quem” antes de poder questionar (DERRIDA, 1992, p. 279).

Redimensionar a questão, desdobrá-la. A desconstrução, mais do que um pensar é re-pensar, mesmo porque o problema está em simplesmente “responder” a questão, antes de pensá-la⁷, afinal, o sujeito possui um fundamento (centro) que não se constitui enquanto tal. Muito bem explicitado pela Profa. Fernanda Bernardo:

Repensar o “sujeito” é, em primeiro lugar, começar por referir que o dito “sujeito” da metafísica substancialista ou subjetivista é na verdade um logro, uma ficção, um fantasma, mostrando com Derrida, *a partir da originalidade do luto*, justamente, que não há identidade una ou própria, que nunca houve nem haverá identidade a si, ou presença-a-si, ou relação-a-si (do “si” ou do dito “sujeito”) sem desvio, sem deslocação, sem interrupção, sem divisão, sem separação, sem luto. Numa palavra, sem *différance*. O que é imediatamente sugerir a configuração do dito “sujeito” ou do “eu” em termos de *relação* – de *relação dissimétrica hetero-auto-nômica*: ou seja, de uma *relação* de ininterrupta hetero-auto-afecção e ao outro e a si mesmo como outro. (BERNARDO, 2015, p. 593/594)

Isso que se convencionou por uma “doxa filosófica” e que tende homogeneizar toda a referência que atenda pelo índice “sujeito”, não é a identidade, a presença a si de uma consciência – e é justamente

⁷ Cf a este respeito Fernanda Bernardo. O cogito do Adeus. O sujeito em autodesconstrução. *Educação e Filosofia Uberlândia*, v. 29, n. 58, p. 587 - 614, jul./dez. 2015. pgs. 587-614.

esse fechamento do “conceito de sujeito que continuaria preso a uma estrutura puramente identitária – Derrida contrapõe, coloca em cena a *différance* e o rastro, em uma lógica de ex-apropriação.

Nesta aposta que leva em conta que a desconstrução se dá na constituição mesma dos discursos (enquanto tais, violentos), no jogo que se produz pelos efeitos de um movimento de contínuo reenvio, de demora, de um não idêntico a si mesmo, de dessemelhança, que aponta para uma das características do movimento da desconstrução – a *différance*.

A questão a ser re-pensada com Jacques Derrida, que disseminava ao longo desta entrevista, em suas palavras: “toda a maquinaria de conceitual que tem permitido falar de ‘sujeito’ até aqui” (DERRIDA, 1992, 288), e toda a discussão contemporânea sob o índice “sujeito” e a crítica ao projeto da modernidade, crê ter conseguido se libertar totalmente das heranças metafísicas e de conceitos como razão, totalidade de mundo, ser e verdade, do sujeito como fundamento, presença a si, e portanto na possibilidade de um sujeito de alcançar ou ser detentor da verdade?

O desdobramento desta tematização desta entrevista ao se enovelar na insistência de *que ou quem*, faz com que a “questão” seja o ponto alto, pelo que destaca Derrida e “transborda a si mesma. Podemos arriscar e colocar nas entrelinhas, desde já, “o sim/sim”, que advém antes mesmo da formulação da “questão”, à alteridade, à *différance* e ao rastro.

O movimento da Desconstrução.... rastro

Como exaustivamente lembrado por Derrida ao longo da entrevista, a desconstrução se encontra sempre dada na própria construção discursiva, não é algo de fora. Mas um “entre” ...e, por sua vez, acontecimento, em passos lavrados e sincopados, às margens.

A desconstrução acontece.... graças e através nas próprias construções discursivas - o que Derrida colocará em vários momentos da entrevista quando traz à discussão Husserl, Heidegger, Freud e mesmo Lévinas e Descartes – que rapidamente e sem a minúcia necessária, deixo para tematizar especificamente em uma outra oportunidade); não sobrevém simplesmente ao lado de fora dos discursos, posto que sempre que se pretenda situar um “fora” (ou

mesmo um dentro ou centro - representação, subjetividade, metafísica), recai em uma forma mais sutil de denegação que estabelece condições propícias para emergência de um “entre”, numa *différance*, e, não é demais lembrar: diferença não opositiva.

A desconstrução não é um método, não é um projeto marcado pela negação ou simples denegação, nem mesmo pode ser considerada simplesmente uma crítica, a desconstrução não é uma demolição. Nas palavras de Derrida, “Não há demolição, tanto quanto não há reconstrução positiva, e não há fase” (DERRIDA, 2004, p. 350)⁸. Não havendo nenhum caminho a seguir, nenhum *telos* a alcançar, talvez e inesperadamente, o aparecer de alguns rastros, sob trôpego trilhar um labirinto sinuoso assombrado por espectros e com destinação imprecisa.

Dito apenas de forma introdutória, o pensamento da desconstrução pode ser pensado como um movimento, o movimento da *différance*, do diferimento. Nesse movimento, a desconstrução revela o que estava “aparentemente” ocultado, denunciando as estruturas de recalque e subordinação. Ao mesmo tempo, faz emergir o elemento que estava recalcado, se mantém em vigília para não repetir uma nova estrutura hierárquica ou uma nova forma de ler o conhecidos binarismos do pensamento logocêntrico.

A desconstrução resta indefinível e não redutível às regras de um determinado domínio de estudo. Ela não pode ser reduzida a uma técnica de leitura de textos, nem um método de pesquisa filosófica ou de crítica literária com regras pré-estabelecidas e objetivos determinados de antemão. Mas ela também não é um *vale-tudo* ou uma destruição niilista da metafísica. Se ainda o escopo filosófico exige uma definição (e, realmente ao longo de sua vida Derrida foi compelido a oferecer uma definição), arriscamos dizer que a desconstrução é simplesmente “uma certa postura” diante da leitura de textos.

Para Derrida, a história da metafísica e do ocidente é a história da substituição de centros, de fundamentos, de significados últimos que amenizem a indeterminação do sentido – significado transcendental. A forma matricial dessa história é a determinação do *ser como presença* em todos os sentidos dessa palavra. Assim, todos os nomes do fundamento, do princípio ou do fim, sempre designaram o invariante de

⁸ Cf. DERRIDA, Jacques. Outrem é secreto porque é outro. In: **Papel Máquina**. Tradução por Evandro Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004. p 350.

uma *presença* – *eidos*, *arquê*, *ousia*, *energeia*, *aletheia*, transcendentalidade, consciência, Deus, homem – de algum sentido que organize o jogo da linguagem.

No interior dessa tradição de pensamento, a linguagem ocupa um papel secundário, de mera representação do sentido original, da coisa em si, da realidade “nua”, da existência, da imanência, não importa o nome que se dê ao que Derrida chama de *presença*. No entanto, a filosofia é refém daquilo que ele chama de significado transcendental, e, num jogo de formas variadas, confina a linguagem em geral e a escrita, em particular, a uma função segunda e instrumental. Nesse ambiente, a linguagem é tratada como mero suplemento do sentido original, como simples porta-voz do “querer-dizer”, como um instrumento a serviço da “fala plena e plenamente presente (presente a si, a seu significado, ao outro)”.

Ao apontar o “fim do livro e o começo da escritura”, Derrida anuncia a morte dessa linguagem centrada na fala e que se pretende plenamente presente, fiel portadora do sentido original, autêntica porque mais próxima do “verdadeiro querer-dizer”. Esse preconceito fundamental que afeta toda uma época precisa ser denunciado, ou seja, é preciso desconstruir o *logo-fono-centrismo* da metafísica ocidental rumo a uma nova forma de compreender a linguagem, portanto, um outro pensamento sobre a linguagem que assuma a ausência do significado transcendental, originário, cuja suposta centralidade, que tem por finalidade o fechamento, a totalização ou o fim do jogo da linguagem. O que a desconstrução não se cansa deixar de velar – e de apontar as consequências de talvez, uma aparente ocultamento – é que não existe significado fora do sistema de diferenças que constitui a linguagem.

Os movimentos da desconstrução, portanto implicam uma não-origem, vestígios, rastros antes de um suposto vestígio. Desta feita, a noção de rastro em Derrida é fundamental para deslocar o problema da idealidade da origem. Na origem, o fundamento aparece como uma grande pauta quando tratamos, em uma de suas diversas matizes, o que trata a referida entrevista – “a questão do sujeito” - seja como um retorno ou como uma “liquidação” – seguindo então a pauta de “certa opinião filosófica” que Derrida aponta tão logo lhe é dirigida a questão na carta convite da entrevista *Il faut bien manger, le calcul du sujet*.

Para pensar a questão do rastro é preciso considerar tanto quanto abandonar⁹ o sistema conceitual metafísico teológico e suas implicações dicotômicas, principalmente em torno das noções de presença-ausência¹⁰. Entretanto, para Derrida, por sua vez não nega a metafísica, não sendo possível para ele, pôr-se além ou “simplesmente” fora dela. Essa linguagem, onde o privilégio do sentido encontra-se na fala viva e onde a escrita é entendida como “fala decaída”, representação da representação, essa linguagem tal como compreendida no ocidente, é apenas um momento dentro de um movimento muito maior, o da *escritura*.

A questão do rastro, ao implicar a impossibilidade de uma origem, a inexistência de um centro, o rastro impede, adia, interdita sua realização absoluta, o fechamento de um devir, como um resto de advir sempre diferindo:

O rastro não é somente o desaparecimento da origem, ele quer dizer aqui (...) que a origem nem ao menos desapareceu, que ela não foi constituída senão em contrapartida por uma não origem, o rastro que se torna, assim, a origem da origem (DERRIDA, 2008, p. 79/80)

Rastro poderia ser colocado como a indicação do apagamento da presença, é algo que nunca está lá e que, portanto, não tem significado próprio, só adquire significado a partir de um jogo de remetimentos. O rastro se liga diretamente à *différance*, de tal forma que Derrida identifica os dois, quando diz: “O rastro (puro) é a *différance*. Ela não depende de nenhuma plenitude sensível, audível ou visível, fônica ou gráfica.”¹¹

Derrida também vai se valer do quase-conceito de rastro (*trace*) para apontar certa “falência”, desde sempre do conceito de origem. Quando diz que o “rastro é a origem do sentido em geral”

⁹ Fazemos tal afirmação e a mesma trata do caráter de *acontecimento* e aporia do veio da desconstrução.

¹⁰ Como, por ex., é tratado em *A voz e o fenômeno*, também publicada no ano de 1967.

¹¹ DERRIDA, Jacques. *Linguística e Gramatologia*. In: Gramatologia. Tradução Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2008. 79-80.

equivale a dizer que, como rastro é ausência da presença, não há essa origem do sentido em geral. Nas palavras de Derrida:

Uma vez que o rastro não é uma presença, mas o simulacro de uma presença que se desloca, se transfere, se reenvia, ele não tem propriamente lugar, o apagamento pertence a sua estrutura. Não apenas o apagamento que sempre deve poder surpreendê-la, sem o qual ela não seria rastro, mas indestrutível e monumental substância, mas o apagamento que desde o início o constitui como rastro, que o instala na mudança de lugar e o faz desaparecer na sua aparição, sair de si na sua posição (DERRIDA, 1991, p.58)¹²

Destinerrando pela lógica dos espectros: Hegel, Husserl, Heidegger e além....

Jacques Derrida parece apontar que não somente na herança fenomenológica, mas por esta concepção, qual seja, do sujeito como centro, perpassa igualmente todas as outras formas de abordagem da problemática do sujeito – seja pela dissolução, superação ou reavivamento do mesmo; fazendo da não presença a si mesmo a constituição da verdade, ou, em outras palavras: a não-verdade da relação a si em todo e qualquer sujeito.

No mesmo terreno de debate, a própria noção de estrutura e suas injunções será a principal crítica presente desde já na *Gramatologia*¹³, e, na posição que vê a substituição do sujeito pela estrutura apenas uma nova versão do próprio sujeito, da *presença*, do transcendente e do *a priori*. Mobilizar-se-ia para isso, dentro dos chamados pós-estruturalismos, no plano intelectual, a crítica negativa da consciência, da representação e do sentido e da história em Nietzsche, Freud e Heidegger.

¹² Cf. DERRIDA, Jacques. *Ousia e Gramme*. In: Margens da Filosofia. Tradução por Joaquim Torres Costa e Antônio M. Magalhães. Campinas: Papirus, 1991. pg. 58.

¹³ Numa aporia que desloca a pretensão de toda ciência positiva – pela grama e o rastro – aquilo que não se deixa apropriar na *logia* suposta de uma fala plena, de uma identidade ou fechamento do pensamento.

Ao expressar o inconformismo com a reedificação da consciência e como o estabelecimento do lugar privilegiado do pensamento do sujeito, Heidegger, segundo Derrida, atinge diretamente a Filosofia da consciência, cujo projeto “sua destruição” da metafísica perfaz a própria abertura, uma aposta que abrirá espaço para o movimento desconstrutivo. Derrida não se cansa de reconhecer o gesto Heideggeriano, a força de seu pensamento. Contudo, muito embora Heidegger tenha feito um imenso esforço para romper com o conceito de sujeito, o *Dasein* guarda traços essenciais pelos quais o sujeito é pensado pela tradição metafísica. O *Dasein*, o ser não é algo distante, enclausurado em sua estrutura de constituição da realidade: o ser é a própria compreensão. Essa abertura, em que o tempo aparece como elemento de possibilidade existencial, expõe o ser que aparece, e não significando, por isso, uma essência condicionadora de mundo.

A urgência de Heidegger expressa na necessidade de ir além do cogito, de um sujeito e a imposição natural de reconciliação com a ideia do homem, humanidade; não estaria ela, em certa medida potencializando, ou mesmo reafirmando o que ela mesma pretende criticar? Partindo do questionamento desse diagnóstico, Derrida propõe um duplo e simultâneo gesto: reconhecer a importância e a radicalidade do gesto heideggeriano ao afirmar que o *Dasein* não pode ser reduzido a uma subjetividade, pontuando o valor dessa ruptura heideggeriana com as filosofias da consciência (o *Dasein* não é e nem pode ser colocado como um sujeito), mas, por outro também mostra as fissuras, os rasgos na aposta heideggeriana em dar certo “credito à questão”, tomando a questão epocal, e desconsiderando problemáticas em relação a alteridade – esse nós que nós somos¹⁴ ao ser vivente:

Jamais a distinção entre o animal (que não é ou não tem DASEIN) e o homem foi tão radical e tão rigorosa na tradição ocidental de Heidegger. O animal não será jamais o sujeito nem o *Dasein*. Ele tão pouco tem inconsciente (Freud) nem uma relação ao outro como outro, tão pouco há rosto no animal

¹⁴ Pressuposto identitário, e aqui reside o problema abordado, por ex. em *Os Fins do Homem* (1968). Conferência inédita em francês e publicada em 1972 com o título *Marges de la philosophie* pela Éditions Minuit, foi pronunciada em Nova Iorque em outubro de 1968 por ocasião de um colóquio internacional cujo tema proposto era Filosofia e Antropologia. DERRIDA, Jacques. **Margens da Filosofia**. Tradução de Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Campinas: Papirus, 1991.

(Lévinas). É a partir do Dasein que Heidegger determina a humanidade do homem. (DERRIDA, 1992, p. 290).

Na abordagem da “problemática do sujeito”, que Derrida afirma haver, a *desconstrução* opera como uma postura de pensamento, uma tarefa, buscando evitar a confusão de se inscrever ou “sobrescrever” o termo sujeito, e, neste intervalo de um *entre*, pensar através de seu *deslocamento*.

Deslocamento (*deplacement*), segundo Derrida, desde sempre diz respeito à constituição mesma do sujeito, de uma pretensa presença a si o que permite dizer que ele é deslocado, como instância fundadora e fundada, constituinte e constituída. Estando no *entre*, no intervalo destas duas, o “sujeito” não pode ser tomado como centro do pensamento, posto que, aparece como um suposto centro que nunca esteve presente a si enquanto tal. Nestes termos, se “nunca houve um sujeito” tal como colocado pela tradição filosófica, há uma problemática sim, mas não homogênea, que reúne construções teóricas, discursos, conceitos, métodos, nos quais é possível perceber traços comuns.

Entendendo-a como problemática, Derrida encaminha-a pela *desconstrução*, mostrando que esta acontece pela força dos próprios discursos sobre o sujeito, justamente por estes discursos se constituírem enquanto discurso do e sobre o sujeito, e, deste modo, denega-o. Denegam o fato de não haver presença a si, como também, a não-possibilidade de *re-apropriação*. Ora a denegação é uma possibilidade que já trazem os discursos, em sua dinâmica interna de constituição, trazendo um questionamento sobre a própria constituição e a possibilidade da desconstrução.

Donde a frase tão expressiva: “O sujeito é uma fábula” (DERRIDA, 1992, pgs.297/298)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a desconstrução pensa o que acontece, e o sujeito, desde sempre, está em desconstrução (isso dito, apenas para adiantar muito apressadamente a discussão “*Quem ou o Que*”, os questionamentos que permeiam esta entrevista conduzida por Nancy passam por perguntas como: *será que isso é possível? Falar sobre o sujeito? O que responde*

a este termo sujeito? Ou, será que há algo novo a ser pensado? Ou é a ideia de sujeito que precisa ser “polida”? A questão é liquidar a questão?

Apostar no desafio de estudar o pensamento de Jacques Derrida é se lançar em um labirinto, acompanhando os desvios e a dança de seu pensamento, compreendendo os termos de discussões empreendidas que vão além (*déjà-la*) dos domínios da filosofia, numa coreografia de passos larvados, de desvios sinuosos, a maneira pela qual este filósofo caracteriza e desdobra a tarefa e o esforço do pensamento.

Desconstrução, nome este também por ele ao qual ele resistiu chamar este movimento do pensamento que se desdobra e redobra, no aparecer de um visgo, desde sempre às margens, através de seus

O pensamento de Jacques Derrida, notadamente aqui enfocado a partir da problemática do sujeito, considerado pela inter-relação entre linguagem e alteridade implicada no pensamento da *desconstrução*, apresenta relevância e atualidade diante dessa exigência contemporânea. Em contraponto, como se sabe, tal exigência é usada, muitas vezes, para fazer frente contrária ao seu pensamento, o quê, em vários pontos discutidos nesta entrevista aparecem salientados.

O esquema do qual faz parte o conceito de sujeito, aponta Derrida, se deslinda em uma estrutura hierárquica na qual está em jogo um esquema dominante, e sua recusa na simples resposta da pergunta *quem* é a recusa a uma lógica da identidade, uma lógica que sobre determina de quem é um lugar (na instituição permanente de um topos). Entram em cena ainda, *unida à insistente questão quem* e a “todo maquinário conceitual que permitiu falar até aqui de sujeito”, por meio da qual esta enigmática e instigante entrevista, convido na tematização nesta comunicação, visitar ou revisitado por seu rastro. Nela, as respostas de Derrida passam os domínios da semântica, da tradução, as questões ético-políticas, a hospitalidade; como também a da responsabilidade *sim, sim* do chamado do outro, e, ainda nesta baila - a necessidade do cálculo.

Além do que, Derrida finaliza com a questão animal, o que chamará já neste momento questão do vivente (animal ou planta). No caso do animal, sempre oposto da ideia de homem propalada não só pelo recente humanismo e a excessivo apelo ao que opõe na tradição e traz das sombras, o seu lado selvagem), o carno-falocentrismo – a dimensão sacrificial.

Como aponta Derrida lembra, e aqui não há tempo, relembra... "É preciso calcular" sim, é preciso comer bem..." sim, "o bem também se come" (DERRIDA, 1992, p. 296)

O sujeito, na política, no direito e na moral será, para Derrida, desde sempre e para sempre já um princípio de cálculo. E Derrida insiste em que sua filosofia busca afirmar justamente o oposto, o incalculável, o indecível, não para, conforme alguns de seus opositores, "neutralizar a decisão, mas sim, pelo contrário, porque não há responsabilidade nem decisão ético-política que não seja capaz de atravessar a prova do incalculável ou do indecível" (p. 287).

Há, portanto, dever na desconstrução, há responsabilidade, embora impensável na ordem do cálculo:

Eu falo de uma responsabilidade que não seja surda às injunções do pensamento" (p. 287), destaca Derrida. Responsabilidade que possa ser calculada já não será mais responsabilidade, será pausa, decreto estabilizador nos limites da boa consciência. Na responsabilidade o que há é dever, "o sujeito, se deve haver, vem depois" (DERRIDA, 1992, p. 287).

O que interessou a Derrida discutir é a denominação de uma instituição violenta do quem do sujeito (p. 297), que estaria posta na estrutura violenta que exclui animais, mulheres e outros seres vivos como humanos, mas também por simbolizar a violência deste nós (destacado da estrutura de igualdade, justiça ou liberdade que tem esse nós como referência), o nós, "os europeus adultos, machos, brancos e carnívoros e capazes de sacrifício" (DERRIDA, 1992, p. 286)

Poderíamos ponderar que, mediante esta entrevista, Jacques Derrida aponta que na linguagem uma clausura que nem mesmo as chamadas filosofias do sujeito, ou ainda àquelas ligadas à dissolução ou sua superação, que permanece impensada. Tal possibilidade aponta para um afastamento da autoridade da presença, de uma suposta "presentificação de verdade", marcando um caráter ético-político da desconstrução ao se abrir para o imprevisível do que não é presença nem ausência, mas do "*tout autre est tout autre*", de um "sim" à inesperada vinda do outro.

A noção de sujeito – homem, animal ou vegetal –, então, para Derrida não é das mais caras. Embora admita que, talvez, a ideia de sujeito seja:

uma hipótese de que sempre precisaremos, [ela não institui mais que] uma pausa, uma estrofe, uma instância, um decreto estabilizador a problematizar os sábados, os domingos e as sextas-feiras (DERRIDA, 1992, p. 300).

Termino com outra citação, retirada da fala com a qual Derrida termina a entrevista, pelo e do que talvez se justifique o porquê e do pouco que falei:

(...) seria preciso ao menos considerar, o que não é fácil de circunscrever e demandaria mais tempo e lugar, o que nós dissemos até aqui sobre o sujeito, sobre o homem, o animal, mas também do sacrifício. Isto é de tantas outras coisas. Condição necessária, que demandaria já longos discursos. Quanto ir além desta condição necessária, mas insuficiente, eu prefiro que esperemos, digamos, um outro momento, a ocasião de uma outra discussão: um outro ritmo, uma outra forma". (DERRIDA, 1992, p. 300)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DERRIDA, Jacques. *Il faut bien manger ou le calcul du sujet*. In: **Points de suspension**. Paris: Galilée, 1992. p. 269-301.

DERRIDA, Jacques. *Il faut bien manger ou le calcul du sujet*. Tradução por Carla Rodrigues e Denise Dardeau. Disponível em: <http://www.revistalatinoamericana-ciph.org/wp-content/uploads/2018/02/RLCIF-3-%E2%80%9CE%CC%81-preciso-comer-bem%E2%80%9D-ou-o-ca%CC%81culo-do-sujeito.pdf>

_____. **Acts of literature.** Ed. Derek Attridge. New York: Routledge, 1992.

_____. **A voz e o fenômeno:** Introdução ao problema do signo na fenomenologia de Husserl. Tradução por Maria José Damião e Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Edições 70, 1996. Tradução de La Voix et le Phonomene (1967).

_____. **Escritura e diferença.** 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. Tradução de *L'Écriture et la différence* (1967).

_____. **Papel Máquina.** Tradução por Evandro Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

_____. **Gramatologia.** Tradução por Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. 2º ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

_____. **Margens da filosofia.** Tradução por Joaquim Torres Costa e Antônio M. Magalhães. Campinas: Papirus, 1991.

BERNARDO, Fernanda. O cogito do Adeus. O sujeito em autodesconstrução. **Educação e Filosofia Uberlândia**, v. 29, n. 58, p. 587 - 614, jul./dez. 2015. pgs. 587-614.

DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar. Derrida e a crítica heideggeriana do humanismo. In: **Jacques Derrida: Pensar a Desconstrução:** Evandro Nascimento (org). São Paulo: Estação Liberdade, 2005. pgs. 245-256.

_____. Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito. **Caderno IHU ideias.** Ano 8, n.º 143, 2010. pgs 3-12.

RODRIGUES, CARLA. **Dois palavras sobre o feminino:** hospitalidade e responsabilidade (sobre ética e Política em Jacques Derrida). Rio de Janeiro: NAU, 2013.

Recebido em: 24/06/2018

Aprovado em: 31/07/2019